

Imagens de Anita: a construção visual da memória da “Heroína dos dois mundos”

Imágenes de Anita: la construcción visual de la memoria de la “Heroína de ambos mundos”

Images of Anita: the visual construction of the memory of the “Heroine of both worlds”

Patrícia Bertozzo

 <https://orcid.org/0000-0003-3879-4240>

Resumo | O presente artigo pretende discutir o processo de construção das narrativas, principalmente visuais acerca da memória de Anita Garibaldi. Entende-se que os discursos e imagens produzidos ao longo dos séculos XIX, XX e atualmente são detentoras de intenções e, portanto, reveladoras de relevantes aspectos ligados a cultura e sociedade dos locais e períodos em que foram produzidos.

Palavras-chave | Anita Garibaldi. Materialidades. Visualidades. Memória.

Resumen | El presente artículo tiene como objetivo discutir el proceso de construcción de narrativas, especialmente visuales, sobre la memoria de Anita Garibaldi. Se entiende que los discursos e imágenes producidos a lo largo de los siglos XIX, XX y en la actualidad son portadores de intenciones y, por tanto, reveladores de aspectos relevantes relacionados con la cultura y la sociedad de los lugares y períodos en que fueron producidos.

Palabras clave | Materialidades. Puntos de vista. Memoria.

Abstract | The present article aims to discuss the process of construction of narratives, especially visual ones about the memory of Anita Garibaldi. It is understood that the discourses and images produced throughout the nineteenth, twentieth centuries and currently are holders of intentions and, therefore, revealing relevant aspects related to culture and society of the places and periods in which they were produced.

Keywords | Anita Garibaldi. Materialities. Views. Memory.

O nome de Anita Garibaldi está inscrito no “Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria”, juntamente com os de outras poucas mulheres como Anna Nery, Bárbara Pereira de Alencar, Clara Felipa Camarão, Jovita Alves Feitosa e Zuzu Angel. Reconhecidas por atitudes ou atuações consideradas heroicas, que vão desde o cuidado com feridos na Guerra do Paraguai, a luta contra as invasões holandesas em Recife, o uso de disfarce masculino para lutar nas trincheiras de uma guerra, prisão política por ideais emancipacionistas até a busca por desaparecidos políticos da ditadura militar brasileira. O amálgama que une mulheres de épocas e ideais diferentes como heroínas da Pátria é o fato de serem consideradas excepcionais e exemplos a serem seguidos.

Entre as poucas mulheres reconhecidas oficialmente como heroínas, Anita é a mais conhecida dentro e fora do Brasil. Entretanto, o processo de consolidação de sua imagem foi longo, iniciado ainda no século XIX, consolidado no século XX e atualizado no presente, fruto de narrativas que foram moldando a memória nacional referente a ela e que muitas vezes foi representada visualmente de modo a imortalizar e disseminar determinadas visões e discursos sobre ela.

Ana Maria de Jesus Ribeiro nasceu em 1821 no estado de Santa Catarina e, de acordo com as narrativas sobre ela, conheceu Giuseppe Garibaldi em Laguna (SC) nos idos de 1839, enquanto este participava como corsário da Revolução Farroupilha. À época, era casada com um sapateiro local, o qual acredita-se que havia se alistado nas tropas imperiais que combatiam o movimento rebelde dos farroupilhas; o destino de seu marido é alvo de controvérsias entre biógrafos até os dias de hoje. Ana se juntou a Garibaldi, de quem recebeu o apelido Anita, que a identificaria a partir de então, e lutou a revolução ao seu lado. Juntos, participaram de diversas batalhas, não somente no Brasil, mas também na Itália, na luta por sua unificação, onde Anita faleceu em 1849, aos 27 anos. Anita é atualmente conhecida como “Heroína dos dois mundos” e sua memória se faz presente pelos diversos locais aos quais passou. Como Brasil, Uruguai e Itália.

O título de “Heroína dos dois mundos” garante excepcionalidade à sua figura, entretanto apesar da guerra ser associada ao masculino, “Anita fez o que muitas mulheres faziam na sua época (e haviam feito em épocas anteriores): colocou-se ao lado de seu companheiro eleito, nas batalhas e fora delas (...)”. (WOLF, 2012, p.428). A Revolução Farroupilha, em especial, contou com a presença de mulheres que atuaram de diferentes formas no conflito, entretanto apenas Anita integra as páginas da história oficial como heroína.

Companheiras, esposas e mães, vivandeiras (...) às vezes, essas mulheres também eram prostitutas. Em várias ocasiões, elas tinham que pegar em armas e participar do conflito, seja para defender-se, para poder recolher os feridos em campo de batalha ou, em alguns casos, por desejo ou necessidade de participar ativamente do conflito. (Idem, p.430)

Anita não foi reconhecida como heroína imediatamente, não há menção ao seu nome em correspondências, ofícios e documentos oficiais farroupilhas. O jornal revolucionário “O Povo”, que buscava divulgar ideais e os principais acontecimentos da revolução, tão pouco a cita em suas edições. Após a Revolução, os nomes de Bento Gonçalves, Antônio de Souza Netto, Giuseppe Garibaldi e outros líderes farrapos se mantiveram vivos na memória de gaúchos e catarinenses, porém Anita e sua participação no conflito pouco foram lembradas. O resgate de sua memória acontece duas décadas depois de sua participação na Revolução Farroupilha, a partir das narrativas de seu companheiro Giuseppe Garibaldi.

Com o resgate de sua memória e sequente consagração como “heroína dos dois mundos”, Anita passa a ser rememorada em biografias, esculturas, pinturas e monumentos. A materialização de sua memória significou mais do que homenagem ou lembrança, mas “(...) a passagem do plano mental para o material, palpável, visto não apenas com os olhos do coração (...), mas também com os olhos físicos.” (COSTA, 2010, p.8), o que garantiu sua constante presença ao longo do tempo. Entretanto, as imagens presentes nas materializações da memória de Anita Garibaldi, não devem ser consideradas apenas ilustrações de sua

figura e feitos, pois a “imagem não se encerra exclusivamente no visível” (SCHIAVINATTO E COSTA, 2016, p.14), sendo carregada de discursos, tensões e disputas, reveladoras dos processos sociais que buscavam perpetuar selecionadas narrativas e memórias sobre Anita.

Em 1860, ocorreu em Paris a publicação do livro “Memórias de Garibaldi”, escrito por Alexandre Dumas a partir de manuscritos e narrativas de Giuseppe Garibaldi. O lançamento das memórias pode ser entendido como uma campanha de ambos para a consagração de Garibaldi como herói, defensor das liberdades ao redor do mundo e referência na luta pela criação da pátria italiana. Garibaldi enviou a Dumas escritos relatando importantes passagens de sua vida e coube ao escritor utilizá-las de modo a construir uma narrativa para a fabricação e popularização do “herói dos dois mundos” e “para que esse título fosse reconhecido interna e internacionalmente.” (NOGUEIRA, 2019). No livro, Dumas e Garibaldi constroem uma narrativa que transforma Anita em uma heroína, já que “a elevação moral de Anita e seu exemplo de mulher virtuosa são elementos que reforçam a vida exemplar de Garibaldi.” (CAVICCHIOLI, 2017), essa apresentação se populariza na Europa e América.

Buscando apresentá-la como a mulher ideal para o “herói dos dois mundos”, Anita é mencionada em diversos momentos das memórias. O primeiro encontro com Garibaldi é narrado no capítulo “Uma mulher”, que relata a solidão do corsário e a necessidade de um amor que o fizesse recuperar a alegria. Era arraigado a esses pensamentos que, na minha cabina no Itaparica, eu dirigia meu olhar à ribeira. (...) eu descobriria as belas jovens ocupadas em seus afazeres domésticos. Uma delas atraía-me mais especialmente que as outras.” (DUMAS, 2006, p.90). De acordo com Dumas e Garibaldi, um homem convidou o revolucionário à sua casa, onde o encontro com Anita, descrita como “virgem criatura” aconteceu. Essa passagem inicia a construção de Anita Garibaldi como uma mulher virtuosa, diferente das demais e por isso, escolhida por Garibaldi para estar ao seu lado.

Os capítulos seguintes narram a campanha de Garibaldi e Anita na Revolução Farroupilha e suas participações em batalhas navais e terrestres por Santa Catarina e Rio Grande do Sul, sempre exaltando a coragem como que a “amazona brasileira” enfrentou as contendas. Nas “Memórias de Garibaldi”, o batismo de fogo de Anita é narrado de modo a colocá-la como semelhante a Garibaldi em atitudes e coragem:

Roguei-lhe então que descesse até o porão. ‘sim, irei mesmo até lá – disse-me ela – mas para tirar de lá de dentro os poltrões que nele se esconderam.’ Ela desceu e logo voltou empurrando à sua frente dois ou três marujos, pejados por terem-se mostrado menos valentes que uma mulher. (Idem, p.94)

Garibaldi e Dumas, comparam Anita a uma das principais deusas do Panteão grego, Palas Atena, divindade ligada a guerra, inspiração e justiça:

Ao passo que eu realizava o meu trabalho de destruição, Anita efetuava sua obra de salvamento. Mas de que modo, bom Deus! De maneira a fazer-me estremecer! Na missão de transportar as armas até a orla e no seu retorno à embarcação, ela talvez tenha realizado vinte vezes o trajeto, cruzando invariavelmente sobre o fogo inimigo dentro de uma pequena barca com dois remadores, dois pobres-diabos que se curvavam o quanto podiam para evitar balas e bombas. Ela, porém, de pé sobre a popa, no cruzamento dos tiros, surgia ereta, calma e altaneira como uma estátua de Palas (Ibidem, p.99)

A Anita descrita nas partes iniciais do livro rompe com as expectativas do papel feminino no século XIX, ao tomar partido em uma guerra e pegar em armas, adentra em um universo tido como exclusivamente masculino. Entretanto, para figurar como companheira ideal do “Herói dos dois mundos”. Anita precisava de atributos que lhe qualificassem como uma mulher virtuosa dentro dos padrões da época. Seu cuidado e preocupação com Garibaldi e o zelo com os feridos são descritos algumas vezes ao longo das memórias: (...) ela fora naquele dia, a providência dos nossos feridos, que, na ausência de ambulância e de cirurgião, vinham recebendo de nossa parte um tratamento algo canhestro.” (Ibidem, p.129)

A maternidade de Anita é o que mais a qualifica no papel de mulher virtuosa, e é um aspecto bastante salientado por Dumas e Garibaldi, desde as dificuldades enfrentadas na gestação pelas privações até seus esforços para manter o filho vivo e minimamente confortável. Nas “Memórias de Garibaldi” está presente a passagem que narra a retirada das tropas farroupilhas pela localidade conhecida como Picada das Antas, onde depois de muito tempo passando frio e fome, Anita adentrou a mata em busca de uma saída que pudesse salvar Menotti, o primogênito do casal: “(...) mandei Anita seguir na frente com a criança e com um serviçal, a fim de que procurassem a saída daquela interminável floresta e para que tentassem encontrar o que comer, os dois cavalos que eu destinara à Anita – e que a brava mulher montava alternadamente – salvaram-nos todos!” (Ibidem, p.128)

No mesmo ano de seu lançamento na Europa, as “Memórias de Garibaldi” foram publicadas no jornal carioca “Correio Mercantil” e apesar ter gerado comentários, principalmente de pessoas envolvidas na Revolução Farroupilha, Anita não obteve destaque ou passou a fazer parte da memória nacional brasileira. Foi apenas com o advento da República que a imagem de Anita passou a ser recuperada, pois “todo regime político busca criar seu panteão cívico e salientar figuras que sirvam de imagem e modelo para os membros da comunidade.” (CARVALHO, 2017, p.11) e ela era vista como uma defensora do modelo republicano. Entretanto, o projeto de transformar Anita em heroína de uma nação republicana falhou durante muitas décadas. Mesmo que presente em livros e alguns discursos pelo país, seu apelo sempre foi voltado para o regional, encontrando mais espaço no sul do país. Alguns fatores podem ter contribuído para que nas décadas iniciais da República, Anita não figurasse como heroína do Brasil. O fato de sua luta ter se dado contra o governo central, fazia dela uma rebelde e a afastava da pretendida união nacional, e principalmente, devido a rejeição sofrida por símbolos femininos dentro da República brasileira, esses costumavam a ser ridicularizados e associados a prostitutas.

O século XIX foi marcado pelo esquecimento de Anita, principalmente em seu país de origem e posterior recuperação de sua memória a partir da narrativa de Garibaldi e Dumas que iniciam a construção de sua imagem como “Heroína dos dois mundos”. No início do regime republicano no Brasil, houve um esforço em transformá-la em um símbolo nacional, principalmente através de biografias e obras populares que recontavam sua trajetória e a destacavam como mulher virtuosa, esposa e mãe. Tais obras se baseiam em diversos momentos nas passagens narradas no livro “Memórias de Garibaldi”.

Foi somente no século XX que a memória de Anita Garibaldi se fez mais presente entre a população, através de usos políticos e sociais de sua imagem, passa a ser lembrada

não apenas nas páginas dos livros, mas também a partir de materializações de sua memória que contribuíram para a construção visual da “heroína dos dois mundos”. Eventos como a celebração do Centenário da República Juliana, a comemoração dos 150 anos de sua morte e comemorações que buscavam reforçar os laços entre italianos e brasileiros foram alguns eventos fundamentais na edificação de sua imagem.

Anita é materializada em um monumento pela primeira vez no Brasil em 1913, na cidade de Porto Alegre, a partir da iniciativa da comunidade italiana ‘Vittorio Emanuele II’ que buscava “Oferecer ao Rio Grande do Sul um monumento onde as figuras lendárias de Garibaldi e Anita pudessem atestar a afinidade étnica e histórica (...) de italianos e rio-grandenses.” (Ruggiero, 2021, p.7). Esculpida em Mármore de Carrara e confeccionada na Itália pelo escultor Fidelfo Simi, apresenta Anita agachada e trajando vestido, enquanto Garibaldi está em pé e trajando um poncho. De acordo com Ruggiero a escultura:

(...) imortalizava um instante épico da Revolução Farroupilha, quando os imperiais tentaram desembarcar na praia da Lagoa dos Patos, enquanto o “Herói dos dois mundos” estava aportado com seus soldados. Nessa ocasião, a sua amada Anita tinha dado uma grande prova de coragem, jogando-se em cima de um canhão para atirar contra as tropas assaltantes. (Idem, 2021. p.3)

A solenidade de inauguração contou com a presença de autoridades e cidadãos ilustres da cidade, entre eles o Dr. Ildefonso Soares Pinto, que em seu discurso celebrou a representação de Anita não somente como uma guerreira, pois “possuía também todas as dedicações de uma esposa virtuosa e os desvelos de mãe terna e exemplar” (A FEDERAÇÃO, 1913)¹. Apesar ser considerada uma mulher excepcional, Anita figura ainda em função dos feitos do seu companheiro, Giuseppe Garibaldi e é seu desempenho dentro dos papéis esperados de seu gênero – esposa e mulher – que a tornam uma mulher exemplar.

Em seu estado natal, Santa Catarina, o primeiro monumento em sua homenagem é inaugurado apenas em 1920. Localizada na praça Getúlio Vargas em Florianópolis, considerada área nobre da cidade e foi feita em dezembro de 1919 pelo escultor Antonino Pinto de Mattos, sendo inaugurada em janeiro do ano seguinte. Conta com a inscrição “A Annita Garibaldi - Ana de Jesus Ribeiro – Heroína dos Dois Mundos – O seu estado natal -1919”, esse monumento possui grande importância, pois inicia no estado as representações de Anita sem Garibaldi ao seu lado, atribuindo a ela, individualmente, reconhecimento por sua vida e trajetória tidas como heroicas.

As décadas de 1930 e 1940 tiveram “importância vital no processo de heroificação” (JÚNIOR, 2000, p.105) de Anita, pois figurou como protagonista das narrativas e produções visuais ao servir aos interesses da elite política e econômica de sua cidade natal, Laguna. A região enfrentava uma baixa econômica e necessitava de atenções do governo central, dessa forma, de acordo com Elíbio Júnior buscou na comemoração da memória de Anita o elo de ligação de Laguna com o Rio Grande do Sul e conseqüentemente com o presidente Getúlio Vargas. Os festejos do Centenário da República Juliana em 1939 forneceram o discurso de que os ideais republicanos teriam surgido em Santa Catarina e posteriormente se

1 In: RUGIERRO, Antonio de. “Um ‘Símbolo da fraternidade entre dois povos’: O monumento a José e Anita Garibaldi em Porto Alegre (1913). *Métis: História & Cultura*. V.20, n.39. 2021.

espalhado pelo país, dessa forma “como uma das maiores fases do passado brasileiro como raça e como povo, a Revolução Juliana deveria ser apreciada em exaltação a luta lagunita, pois gente daquela tempera responderia aos ideais do Estado Novo.” (Idem, p.72).

As seguintes décadas apresentam intensa materialização da memória de Anita, já que esta foi consagrada definitivamente como uma heroína de ideais republicanos. Em 1964, é inaugurado em Laguna o monumento em homenagem a “Heroína dos dois mundos”, no centro histórico da cidade, em frente ao Museu Histórico Anita Garibaldi. Sua localização é privilegiada, no Paço Municipal, juntamente com as primeiras edificações da cidade e onde foi proclamada a República Juliana. Representada sozinha, de arma na mão e em posição de comando, a obra de Antônio Caringi, considerado o maior estatuário do Rio Grande do Sul, demonstra que Anita se consolidou como heroína republicana em sua terra por suas ações em batalha, consideradas defesa dos ideais republicanos, Anita não precisa mais da figura de mãe zelosa e esposa carinhosa para ser considerada ilustre, ela passa a ser considerada um exemplo de cívico.

O lançamento do livro “Aninha do bentão” em 1980, escrito pelo historiador catariense Walter Zumblick e ilustrado por seu irmão, o artista plástico Willy Zumblick, marca um momento de consolidação de Anita Garibaldi como uma heroína, pois coloca “de maneira mais palpável os atos heroicos de Anita, ou seja, sem a presença irrefutável do marido Garibaldi” (BREGANTIN, 2019, p.164) De acordo com Karla Machado, o livro de Zumblick pretende ser um manual “que fosse adotado pelas escolas como a ‘verdadeira’ história da “Heroína dos Dois Mundos” e tornando, assim, Anita um exemplo de mulher, de mãe e de cidadã.” (Machado, 2019, p.56)

Os irmãos Zumblick não apresentam referências para narrativa ou ilustrações presentes em “Aninha do bentão”, entretanto Walter afirma na publicação que:

Mentiram artisticamente quantos –quase uma dezena –tentaram fixar na tela ou no bronze as feições de Ana Maria de Jesus Ribeiro. (...) Os retratos e os monumentos de Ana Maria, carentes quase todos eles de um original, caminharam pela estrada da dedução que parecia lógica. (...) Mulher-soldado ou mulher-marinheira metida com assombro, nos perigos dos entreveros sanguinolentos, teria, por certo, uma feição que seria aquela que o heroísmo inspirou. (...). Nela, mais que o figurino do guerreiro respingado de sangue, sobrou a mulher meiga que lutou, isso sim, por um outro ideal que foi o seu amor. (...). Num ponto, entretanto, acertaram retratistas e escultores. Todos eles fixaram aquele ar de tristeza que foi companhia durante toda a sua vida (ZUMBLICK, 2012, p. 59)

Apesar de afirmar que as representações anteriores “mentiram” ao retratá-la, as imagens produzidas por Willy, considerado o maior artista plástico de Santa Catarina e reconhecido pelas obras que retratam a história do estado, não se distanciam das memórias visuais constituídas sobre Anita até então. Machado afirma que “Buscando demonstrar Anita como heroína e mulher dedicada, nas ilustrações de Willy Zumblick ela aparece como a mulher-soldado, vestida com roupas masculinas e empunhando armas. Na próxima página está a amante obstinada à procura de seu amor ou a mulher carinhosa cuidando dos feridos em guerra ou dos filhos.” (Idem, 2012, p.60)

Imagem 1 - Anita Enfermeira.

Óleo sobre tela, 1,40m x 1,20m, 1978. Acervo: Museu Willy Zumblick (Tubarão/SC)



Fonte: MACHADO, Míran Karla. Anita retratada pelos irmãos Zumblick. Revista Santa Catarina em História, Florianópolis, UFSC, v.6, n.1, 2012.

Imagem 2: Fuga de Anita com seu Filho Menotti.

Óleo sobre tela, 1,50m x 1,00m, 1979. Acervo: Túlio Zumblick (Tubarão /SC).



Fonte: MACHADO, Míran Karla. Anita retratada pelos irmãos Zumblick. Revista Santa Catarina em História, Florianópolis, UFSC, v.6, n.1, 2012.

A representação da “heroína” ganhou novas dimensões ao ser transportada para a televisão durante os anos 2000 na minissérie “A Casa das Sete Mulheres”, produzida pelo grupo Globo, a partir do romance homônimo da escritora gaúcha Letícia Wierzchowski. Na produção, Anita é retratada como uma mulher rebelde que não se adequa aos padrões impostos a seu gênero, ao não se submeter ao marido e manifestar fortes opiniões políticas. Entretanto, destacou-se a imagem da heroína por amor, já que na minissérie, Anita, interpretada pela atriz Giovanna Antonelli, segue os passos de Garibaldi após se apaixonar por ele e

mantem presença constante ao seu lado nas batalhas e dificuldades da guerra, não somente por idealismo, mas também por medo de perdê-lo.

O ano de 2021 marcou as comemorações do bicentenário do nascimento de Anita Garibaldi, uma extensa programação de celebrações ocorreu no Brasil e na Itália. Destacaram-se a produção de novos materiais relacionados a “Heroína dos dois mundos” entre os quais livros, pinturas e encenações. A grande movimentação financeira e cultural promovida devido a ocasião demonstra que, apesar de todo processo de construção da imagem de Anita como heroína, esse é um movimento que necessita de atualizações, principalmente visuais para que a memória referente a ela seja mantida entre a população e apresentada as novas gerações.

Entre um grande número de celebrações, aconteceu a Exposição Artística Virtual “Olhar de Anita”, promovida pelo Comitê de Educação e Cultura da Associação de Mulheres de Negócios e Profissionais de Porto Alegre e Instituto Anita Garibaldi – Rio Grande do Sul. Sob curadoria da artista visual Lucia Guaspari, a exposição contou com apoio da Prefeitura de Porto Alegre e do Consulado Geral da Itália na cidade. Realizado em plena pandemia de Covid-19, esse evento contou com a participação de 101 artistas que produziram obras inspiradas na vida e trajetória de Anita Garibaldi.

Para esse artigo foram selecionados alguns trabalhos de artistas que tiveram suas obras escolhidas para serem expostas virtualmente nas redes sociais do projeto, contribuindo para um maior alcance das imagens produzidas. Através desses feitos artísticos é possível compreender a forma como a memória de Anita foi materializada nos dias de hoje. Por se tratar de um evento com contribuições abertas, contou com a participação de pessoas de diversas idades e gêneros.

A primeira obra intitulada “Olhar de Anita” a retrata com o filho nos braços e de acordo com a artista Vani Foletto:

Anita Garibaldi é uma figura histórica de importância e permanece no imaginário popular pela sua coragem, mas sua vida foi de muita luta ao lado de seu companheiro Giuseppe Garibaldi. Ela o acompanhou por muitos lugares, inclusive em batalhas. Ressalto aqui a sua coragem e o seu valor como mãe, pois em sua trajetória cuidou e defendeu seus filhos em todas as situações adversas por que passaram em suas tenras existências, enquanto ela lutava por um mundo melhor. Mas a Anita histórica não é muito diferente das Anitas de hoje, que lutam contra preconceitos, trabalham e criam seus filhos com dificuldades, mas com a mesma coragem, e que transitam nas ruas da cidade de Porto Alegre, inclusive na rua Anita Garibaldi, que homenageia a personagem histórica. (EXPOSIÇÃO OLHAR DE ANITA, 2021)

A segunda e terceira obra, intituladas respectivamente “Anita, mulher, mãe, guerreira” e “Gerar Ideias, Vida e Revolução”, também salientam a maternidade de Anita que mais uma vez aparece com o filho nos braços e grávida. Entretanto, as representações abordam o seu lado de heroína ao demonstrá-la montada a cavalo enquanto empunha uma lança e ao segurar uma bandeira com os dizeres “Sejamos todas Anitas”. A artista responsável pelo bordado “Gerar Ideias, Vida e Revolução”, explica que:

(...) é uma convocatória para a luta e que sejamos protagonistas de nossas vidas e da história que nos desafia todos os dias. Anita, seja esta, entre outras, espelho para todas especialmente neste momento. Mesmo diante de todas as adversidades Anita lutou por um ideal pela liberdade com determinação, amor e bravura. (Idem, 2021)

O bordado “Salto de Anita” retoma a visão de “Heroína dos dois mundos” ao ilustrá-la montada a cavalo, como descrito tantas vezes por Giuseppe Garibaldi, saltando do Brasil para a Itália. A pintura “Anita Guerreira”, também aborda seu lado heroico, porém possui um foco mais regional, já

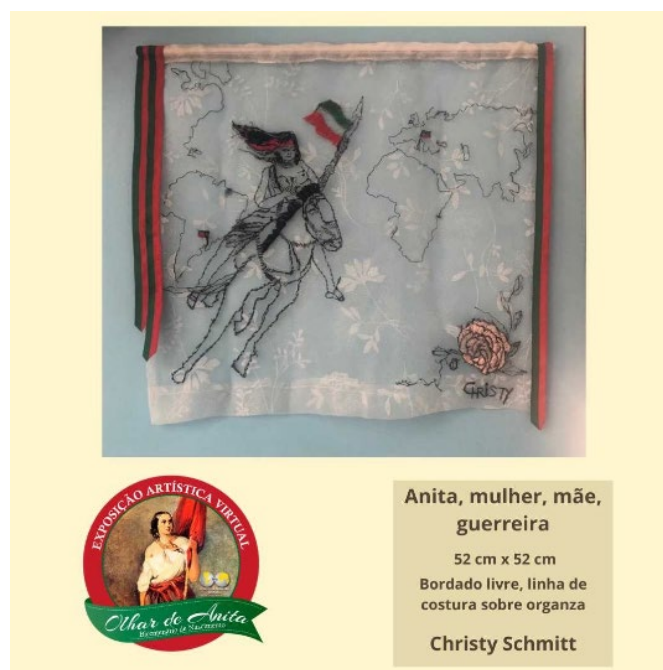
que a representa carregando a bandeira farroupilha. Em técnica mista, o trabalho “A Fuga” parece condensar todas as imagens atribuídas a Anita, uma mulher que exerce seu papel feminino através dos cuidados e da maternidade e a heroína que não se furta a pegar em armas por seus ideais.

Imagem 3 - Olhar de Anita. Desenho, 29 cm x 31 cm, 2021.
Acervo: Exposição Artística Virtual “Olhar de Anita”. Artista: Vani Foletto.



Fonte: Exposição Artística Virtual “Olhar de Anita” - @olhardeanita.

Imagem 3 - Olhar de Anita. Desenho, 29 cm x 31 cm, 2021.
Acervo: Exposição Artística Virtual “Olhar de Anita”. Artista: Vani Foletto.



Fonte: Exposição Artística Virtual “Olhar de Anita” - @olhardeanita.

Imagens de Anita...

Imagem 4: Anita, mulher, mãe, guerreira. Bordado livre, linha de costura sobre organza transparente, 52 cm x 52 cm, 2021. Acervo: Exposição Artística Virtual "Olhar de Anita". Artista: Christy Schmitt.



Fonte: Exposição Artística Virtual "Olhar de Anita" - @olhardeanita.

Imagem 5 - Gerar Ideias, Vida, Revolução. Bordado livre com aplicação de tecidos, 29 cm x 20 cm, 2021. Acervo: Exposição Artística Virtual "Olhar de Anita". Artista: Expedita Ricarte.



Fonte: Exposição Artística Virtual "Olhar de Anita" - @olhardeanita.

Imagem 6 - Salto de Anita. Bordado sobre tecido, 25 cm x 28 cm, 2021. Acervo: Exposição Artística Virtual "Olhar de Anita". Artista: Gil Santana.



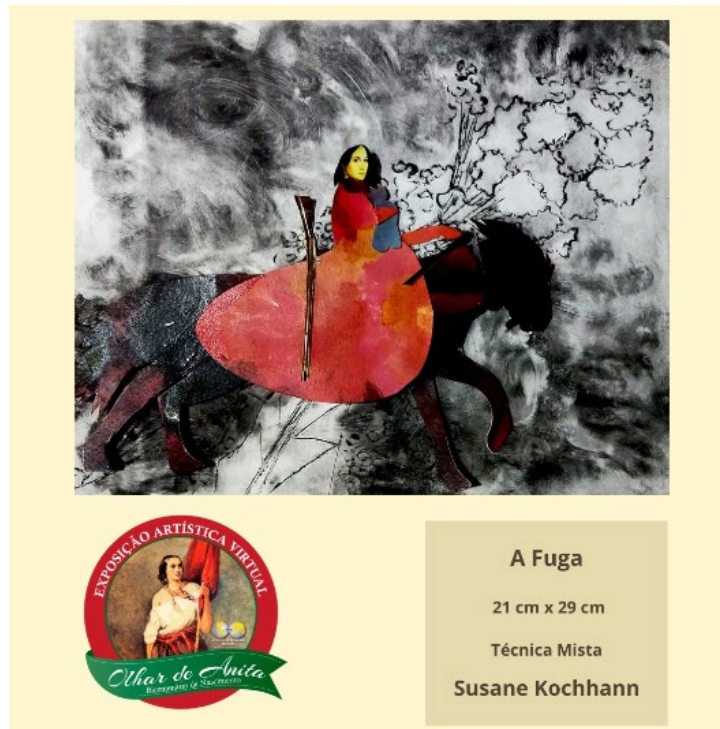
Fonte: Exposição Artística Virtual "Olhar de Anita" - @olhardeanita.

Imagem 7 - Anita Guerreira. Óleo sobre tela, 60 cm x 40 cm, 2021. Acervo: Exposição Artística Virtual "Olhar de Anita". Artista: Vera Matos.



Fonte: Exposição Artística Virtual "Olhar de Anita" - @olhardeanita.

Imagem 8 - A Fuga. Recorte e colagem a partir de pintura acrílica em papel sob suporte de xilogravura, 21 cm x 29 cm, 2021. Acervo: Exposição Artística Virtual "Olhar de Anita". Artista: Susane Kochhann.



Fonte: Exposição Artística Virtual "Olhar de Anita" - @olhardeanita.

As imagens construídas em referência à memória de Anita Garibaldi são resultadas de um longo processo histórico e social que envolveu diferentes construções narrativas sobre sua trajetória e atuação. Inicialmente esquecida no Brasil, inclusive nos estados por onde passou ao lutar na Revolução Farroupilha, sua lembrança se restringiu a poucos relatos orais daqueles que a conheceram.

O resgate de sua memória é iniciado juntamente com a construção de sua imagem como heroína, a partir das narrativas de Giuseppe Garibaldi, eternizadas por Alexandre Dumas no livro "Memórias de Garibaldi". Juntos foram responsáveis pela disseminação da imagem de Anita como uma mulher corajosa em batalha, que atuava junto ao companheiro em prol da liberdade, porém ao mesmo tempo uma esposa devotada e mãe zelosa, o que a tornava virtuosa e, portanto, um exemplo de mulher dentro das expectativas de gênero da época. Tais imagens, valorizavam e beneficiavam o próprio Garibaldi na sua busca por heroificação na Europa e América.

A jovem república brasileira buscou, principalmente através de biografias, transformá-la em uma heroína nacional, já que representava a defesa dos ideais republicanos, Anita encaixava-se no papel de cidadã modelo, pois Garibaldi havia sacramentado sua memória como uma mulher honrosa e de virtudes. Seguindo a narrativa republicana, Laguna utilizou sua memória em busca de ligações com o Estado Novo de Vargas, para isso, as narrativas a moldavam como modelo cívico a ser seguido.

Anita transformou-se em heroína por amor, principalmente através das narrativas visuais, que a retratam juntamente a Garibaldi na luta ou exercendo as funções de esposa e mãe. Atualmente, a materialização das memórias de Anita, demonstram que mesmo reno-

vadas a partir de novas produções, cada vez mais abundantes e diversas, como no caso da Exposição Artística Visual 'Olhar de Anita' as representações visuais continuam seguindo as narrativas de coragem, mulher virtuosa, heroína por amor, exemplo a ser seguido por seus ideais e pelo cumprimento de suas funções femininas de companheirismo e maternidade. Dessa forma, conclui-se que todas as versões de Anita Garibaldi estão presentes nas "Memórias de Garibaldi" e que "simplesmente dependendo do momento histórico, alguns aspectos prevalecem mais do que outros." (CHAVICCHILI, 2007, p.170)

BIBLIOGRAFIA

BREGANTIN, Helen Lemos. Anita Garibaldi: a construção de uma heroína em biografias populares (1849-1999). **Em Perspectiva**. v.5, n.1. 2019.

CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas**: O imaginário da República no Brasil. São Paulo. Companhia das Letras, 2017.

CAVICCHIOLLI, Silvia. **Anita**: Storia e Mito di Anita Garibaldi. Torino. Einaudi. 2017.

COSTA, Helensndra Lima da. "Pedro Velho: Memória e Imaginário de um Herói". In: _____, 2010.

DUMAS, Alexandre. **Memórias de Garibaldi**. Porto Alegre. L&PM, 2006.

EXPOSIÇÃO ARTÍSTICA VIRTUAL "OLHAR DE ANITA". [Sem título]. 25 ago., 2021. Instagram: @exposicao_olhardeanita. Disponível em: https://instagram.com/exposicao_olhardeanita?igshid=NTdIMDg3MTY= Acesso em: 10 dez. 2022.

JÚNIOR, Antônio Manuel Elíbio. **Uma Heroína na História**: Representações sobre Anita Garibaldi. Dissertação de Mestrado em História. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2000.

MACHADO, Míran Karla. Anita retratada pelos irmãos Zumblick. **Revista Santa Catarina em História**, Florianópolis, UFSC, v.6, n.1, 2012.

NOGUEIRA, Isabella. História com ficção em Alexandre Dumas: o exemplo das Memóires de Garibaldi (1860). **Em Perspectiva**. v.5, n.1. 2019.

RUGIERRO, Antonio de. Um Símbolo da fraternidade entre dois povos: O monumento a José e Anita Garibaldi em Porto Alegre (1913). **Métis**: História & Cultura. V.20, n.39. 2021.

SCHIAVINATTO, Iara Lis Franco; COSTA, Eduardo Augusto. **Cultura Visual e História**. São Paulo. Alameda, 2016.

WOLFF, Cristina Scheibe. Amazonas, Soldadas, Sertanejas, Guerrilheiras. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo. Contexto, 2012. Pp 423-446.

ZUMBlick, Walter. **Aninha do Bentão**. Tubarão: Secretaria de Educação, Cultura e Esporte, 1980.